



ESCOLAS BRASILEIRAS: HOMOFOBIA E SEXISMO

Carla Lisbôa Grespan¹

Resumo: O relatório do “Projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar” compreendeu um estudo quantitativo aplicado em 500 escolas tendo a comunidade escolar como público-alvo, onde os temas gênero e orientação sexual foram abordados com o objetivo de avaliar percepções quanto às situações de discriminação e o respeito à diversidade. Os resultados apontam à orientação sexual e o gênero como maior índice de discriminação e como principal motivo para professoras/es e alunas/os serem humilhadas/os e sofrerem bullying nas escolas. É necessário um debate para desconstruir os discursos heteronormativos sobre sexualidade e gênero, cujas manifestações ocupam cotidianamente o cenário escolar, principalmente na forma de discriminação e que resultam em humilhação e agressão.

Palavras-chave: Educação, Homofobia, Sexismo

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo dialogar os pressupostos teóricos dos Estudos Culturais, das Teorias Pós-Estruturalistas e dos Estudos Queer com as afirmativas contidas no relatório do Projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar², apresentado em 2009 e fruto de um convênio celebrado em 2008 entre o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (INEP) e a Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (FIPE).

O projeto foi desenvolvido através de uma pesquisa nacional com a comunidade escolar tendo como enfoque as áreas temáticas étnico-racial, gênero, orientação sexual, geracional, territorial, de deficiência e socioeconômica e dentre os resultados apresentados aponta que o comportamento em relação a pessoas homossexuais foi o que apresentou o maior valor para o índice percentual de discriminação.

¹ Participante do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo – GRECCO/ESEF/UFRGS. carla.grespan@ufrgs.br.

² <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>

Ao longo da história, os discursos e saberes, em torno da sexualidade, são formas de poder, controle e incitamento. Apesar de ser discutida em todos os círculos teóricos, os discursos mantêm-se sexistas e homofóbicos ao invisibilizar práticas sexuais diferentes da heterossexualidade e ao manter naturalizada a correspondência entre sexo biológico e gênero, transformando a homossexualidade numa transgressão da normatividade social.

A escola como instância pedagógica, juntamente com a família, a religião, a mídia, o grupo social e outras instituições criam discursos e estas representações do que é ser feminino ou masculino e qual prática sexual é a permitida. Estas instâncias (re)afirmam os papéis normatizados pela sociedade e as atitudes que os sujeitos tem que tomar, para se tornarem incluídos, reforçando as representações de determinados grupos em detrimento de outros, colocando-os a margem, na fronteira, na invisibilidade, reproduz a heterossexualidade como algo natural, dado desde sempre, e não uma construção histórica e cultural.

A educação brasileira foi concebida e organizada segundo os padrões da heteronormatividade, valorizando e edificando o adulto masculino, branco, de classe média e heterossexual. Tais padrões são acompanhados por suas enunciações e comportamentos que expressam a homofobia e o sexismo.

Desta forma torna-se importante o dialogo entre os resultados apresentados na referida pesquisa e a linha teórica escolhida para apontar alguns dos variados modos que combater a homofobia e o sexismo no meio escolar.

2 Corpo, Sexualidade e Identidade

O século XIX vai produzir a sexualidade, ou seja, nomeá-la, significá-la e principalmente normatizá-la. Para Foucault (1988), a sexualidade é um “aparato histórico”; é a história dos discursos que fizeram dela um corpo de conhecimento desenvolvido para organizar, modelar corpos e comportamentos e controlar o sujeito, criando o “saber sobre o prazer” e o “prazer de saber”. Aqui surge o sujeito homossexual, o desvio da norma, homens e mulheres que desafiaram a heteronormatividade.

O movimento social de lésbicas e gays inicia no século XX trilhando o caminho do movimento feminista e lutando por seus direitos civis, aos poucos a política da identidade volta-se para a construção de uma 'comunidade homossexual'. A partir da década de 90, procura direcionar suas forças para a representação 'positiva' da

homossexualidade, esta visibilidade trouxe efeitos contraditórios de um lado uma maior aceitação, de outro a regulação e a disciplinação.

Atualmente podemos dizer que temos, não mais um movimento homossexual, mas sim movimentos, que surgiram da pluralidade (lésbicas, gays, travestis, transexuais, transgêneros), do trespassamento das questões de raça, gênero, classe social. Estes movimentos já não só lutam pelos direitos civis, pela construção de uma visibilidade 'positiva', mas agora contestam a heteronormatividade.

O processo de significação construído pela cultura ocidental contemporânea está fundado em um pensamento binário (homossexual/heterossexual, feminino/masculino, branco/preto, pobre/rico, “normal” /diferente), formando um sistema classificatório e de hierarquização social, que funciona como um sistema de marcação da diferença. Desta forma “diferença é aquilo que separa uma identidade da outra, estabelecendo distinções, frequentemente na forma de oposições[...]”. (Woodward, 2007:41)

Este sistema classificatório é intrínseco às relações de poder nomeia o “normal” como centro e o “diferente” como a margem, faz com que o “diferente” tenha uma qualificação negativa e produz a fronteira entre a “norma” e o “desvio”, procurando fixar e estabilizar a identidade torná-la hegemônica, mas isto não significa que o sujeito não ultrapasse essas fronteiras, sendo necessário colocar em prática o processo de heteronormatividade.

Segundo Guacira Louro,

A vigilância volta-se, então, explicitamente, para os corpos. Uma vigilância que é exercida não somente a partir do exterior, da obediência às regras, aos preceitos ou aos códigos, mas que é exercida pelo próprio indivíduo que, precocemente, aprende a se examinar, controlar, governar. (2000, p.69)

A partir da importância da vigilância no processo heteronormativo surge alguns questionamentos: por que vigiar os corpos?, qual o significado do corpo para a nossa sociedade?, de que forma o corpo interfere na constituição das identidades?, como a escola pode vigiar os corpos e garantir a heterossexualidade?.

O grande marcador social da cultura contemporânea é o corpo, sendo este um operador de diferenciação nas suas formas, suas condutas e suas expressões; onde se inscrevem as identidades e diferenças. O corpo, aqui entendido, como "o local primeiro da identidade, o *locus* a partir do qual cada um diz do seu íntimo, da sua personalidade, das suas virtudes e defeitos". (Goellner, 2003, p. 39)

O modo de viver e usar o corpo implica numa escolha, em assumir, interpretar, (re)produzir uma infinidade de estilos e (re)organizar as normas, ou seja, os corpos e seus significados são múltiplos, ultrapassam fronteiras e são lugar de disputas dos diversos discursos que se articulam, se conflituam e/ou convivem com outros, em outros espaços pedagógicos (escola, família, amigos).

A constituição do sujeito esta relacionada com os discursos e as práticas em que os corpos estão imersos, ou seja, somos interpeladas/os por representações e fazemos nossas escolhas que marcam nossos corpos, tornando suas inscrições provisórias, instáveis e contingentes e construindo nossas identidades, demarcando simbólica, social e materialmente as diferenças e as fronteiras.

Maleável, mutante, transitório, ele é histórico e quando o mesmo começa a carregar o fardo da identidade fixa, fixa-se ali uma imagem cristalizada no tempo e no espaço, cria-se uma representação social. Sendo assim, as práticas corporais constituem relações de saber-poder, que produzem múltiplas discursividades de ser e estar no mundo.

Os discursos que buscam uma suposta essência para constituir os sujeitos a partir das suas características apoiam-se nas oposições binárias, classificando, discriminando e hierarquizando o corpo e suas práticas. Para Foucault (1988), o Dispositivo da Sexualidade foi instaurado para produzir discursos verdadeiros sobre o sexo e os efeitos de seu poder sobre o corpo produzem os discursos do verdadeiro homem, da verdadeira mulher. Dentre os efeitos deste dispositivo está à experiência corporal generizada.

O corpo não pode ser visto como uma estrutura passiva onde o gênero se insere, como se a identidade biológica e a identidade de gênero estejam relacionadas, sendo o masculino no homem e o feminino na mulher um destino.

2 Relatório do Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar

O relatório do Projeto de Estudo sobre Ações Discriminatórias no Âmbito Escolar, compreendeu um estudo quantitativo por meio de uma survey aplicada em 500 escolas de todo o país tendo como público-alvo 501 diretoras/es, 1.005 professoras/es que lecionam português ou matemática no Ensino Fundamental e Médio, 1.004 funcionárias/os entre secretária(o), porteira(o), orientador(a) educacional, merendeira(o) ou correlatos, 15.087 alunas/os dos anos finais do Ensino Fundamental, Médio e EJA e 1.002 pais/mães de alunos responsáveis por alunos da(s) séries anteriormente referidas, que sejam membros do Conselho Escolar ou da Associação de Pais e Mestres.

Considerando os temas abordados no âmbito da pesquisa: gênero, étnico-racial, socioeconômico, geracional, pessoas com necessidades especiais, territorialidade e orientação sexual foram definidos como objetivos específicos avaliar percepções quanto:

- as situações de violência no âmbito escolar e familiar, especialmente as violências psicológica, física e de abuso e exploração sexual, e seus impactos em termos de atitudes e comportamentos das pessoas vitimadas;
- à incidência e intensidade de situações de discriminação de raça, de etnia, de gênero e de orientação sexual, ou ainda, por situações de conflito com a lei, das diversas populações-alvo do estudo;
- ao reconhecimento e respeito à diversidade.

Analisando as questões relacionadas ao preconceito e à discriminação no ambiente escolar, os resultados apresentados apontam que:

- o maior índice de discriminação foi em relação à orientação sexual e a gênero. (p. 6-7)
- as frases que expressam o preconceito em relação à orientação sexual que obtiveram maior concordância foram: “Os professores que não são gays são mais respeitados pelos estudantes”; “A homossexualidade é uma doença”; “Acho muito difícil aceitar a homossexualidade masculina”; “Uma lésbica é mais aceita na escola do que um gay”. (p. 73-74)
- as frases que expressam o preconceito de gênero que obtiveram maior concordância foram: “A mulher é mais habilidosa para cuidar da casa”; “Existem trabalhos que devem ser realizados apenas por homens”. (p. 77)
- um dos principais motivos para professoras/es e alunas/os serem humilhadas/os e sofrerem bullying nas escolas é por orientação sexual. (p. 87-88-99)
- o motivo de alunas/os serem agredidas/os e acusadas/os injustamente na escola é por orientação sexual, já professoras/es é por gênero. (p. 90-91-93-94)
- as pessoas no ambiente escolar não assumem que são preconceituosas (p. 354)

Os discursos que se fazem representar nas falas e práticas de professoras/es, de funcionárias/os, de alunas/os e das/os gestoras/es no cotidiano escolar fazem com que seus protagonistas se subjuguem a padrões de gênero e de sexualidade mais capitalizados em nível social, cujas identidades estão longe de serem vistas como uma construção cultural, mas são mais percebidas como um fato dado pela natureza.

Temas como discriminação racial, gravidez na adolescência e HIV/AIDS encontraram uma forma de serem discutidos na escola, mas quanto se trata da homofobia e do sexismo nenhuma discussão é realizada. Desta forma se reafirmam as atitudes discriminatórias em relação à orientação sexual e a gênero.

5 Educação e o Processo Heteronormativo

Segundo Judith Butler (2010), a sexualidade não pode ser entendida como pré-discursiva, as condições de produção são necessárias no entendimento da construção dos sujeitos em consonância com a construção do cenário onde atuam. Os sujeitos são construídos e se constroem num determinado lócus, que também não está dado. O sexo torna-se o mais importante, torna-se a pauta do dia desde que encerrado nos limites do inteligível, da norma. Aponta-se a heterossexualidade compulsória justamente como sistema que acomoda e hierarquiza as relações de gênero, onde o homem é o modelo para todas as relações, inclusive aquelas na qual ele não está presente.

Dentro da lógica binária do par homem-mulher, as questões relacionadas à homossexualidade causam desconforto. As/os homossexuais estão inseridos no rol dos sujeitos abjetos, das aberrações. Para Guacira Lopes Louro (2003) os corpos, como também as sexualidades e os gêneros, “são descritos, compreendidos, explicados, regulados, saneados e educados, por muitas instâncias, através das mais variadas táticas, estratégias e técnicas”.

A escola, como outras instituições pedagógicas (Estado, igreja, ciência), atribui-se autoridade para definições e delimitações dos padrões de normalidade, pureza ou sanidade e também a condição de decidir sobre a sexualidade, o exercício do prazer, as possibilidades de experimentar os gêneros, de transformar e viver os corpos.

Estes discursos produzidos e reproduzidos pela escola, em torno da sexualidade, são formas de poder, controle e incitamento e incentivam o abandono das identidades não normativas, reforçando as representações de determinados grupos em detrimento de outros, colocando-os a margem, na fronteira, na invisibilidade, reproduzindo a heterossexualidade como algo natural, dado desde sempre, e não uma construção histórica e cultural.

6 Considerações Finais

A cultura contemporânea nos apresenta um mosaico das identidades, tão difícil de explicar, mas que precisa ser visto como um processo de desconstrução e

descontinuidade de valores, verdades e estruturas. Novos desenhos e configurações precisam ser considerados, caso contrário não será possível abrir novas fronteiras e abraçar uma nova genealogia de gênero e de sexualidade.

O sujeito corporificado não é sempre o mesmo o tempo todo, o aparato que constrói o corpo não consegue fixá-lo, ora ele é assujeitado, ora consegue fugir. E são nestas linhas de fuga que novas corporeidades mostram um social com mais cores, sons e luzes, uma multiplicidade das práticas de gêneros e de sexualidades, que de modo algum podem ser vistas como homogêneas, uniformes e únicas.

Faz-se necessário desenvolver um debate para desconstruir os discursos heteronormativos sobre sexualidade e gênero, cujas manifestações ocupam cotidianamente o cenário escolar, principalmente na forma de discriminação e que resultam em humilhação e agressão. A escola deverá trabalhar temáticas ligadas à cidadania (atitudes e valores), ao respeito à multiplicidade das identidades e das diferenças, priorizando as discussões sobre homofobia e sexismo, proporcionam condições de aprendizagem onde se recupere as experiências da corporeidade, de pertencimento, de percepções, e concepções de mundo, tornando a escola um espaço de acolhimento e reflexão de informações, de dúvidas, de valores, de atitudes e de vivência da sexualidade de forma responsável e prazerosa.

Este debate constitui o sujeito cidadão, autônomo nas suas escolhas e na sua busca pela felicidade, que reconhece a legitimidade das múltiplas e dinâmicas formas de expressão de identidades, bem como a equidade de direitos e oportunidades.

Referências

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Projeto de Estudo sobre ações discriminatórias no âmbito escolar, organizadas de acordo com áreas temáticas, a saber, étnico-racial, gênero, geracional, territorial, necessidades especiais, socioeconômica e orientação sexual. Brasília: INEP, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/relatoriofinal.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2011.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização. Brasileira, 2010.

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Guacira Lopes.; FELIPE, Jane.; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs). Corpo, Gênero e Sexualidade: Um debate contemporâneo na educação. Rio de Janeiro, Vozes, 2003, p. 28-40.

LOURO, Guacira Lopes. Corpo, Escola e Identidade. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, v. 25(2), jul/dez, 2000. p. 59-76.

_____. Corpos que Escapam. In: *Labrys Estudos Feministas*. nº 4. agosto/dezembro. 2003. Disponível em: <<http://vsites.unb.br/ih/his/gefem/labrys4/textos/guacira1.htm>>. Acesso em 12 jun. 2011.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, Vozes, 2007, p. 7-72.